DOI 10. 5216/ o.v18i2.50301

GOYAZ URBANO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX: IMAGENS DOS VIAJANTES

Marcos Antônio de Menezes*

Resumo: O trabalho mostra o surgimento das cidades na província de Goyaz e a forma como elas aparecem nas narrativas dos viajantes do século XIX. Os pioneiros viajantes, notadamente europeus, foram os interessados em retratar as paisagens e cidades brasileiras no século XIX, período em que elas passavam por grandes transformações. Transformações que não atingiram todas as cidades da ex-colônia e nem todas as da província de Goyaz, o que levou quase a totalidade dos viajantes que as visitou a fazer uma descrição indicando o atraso material a que estava submetida toda a região, apontando seus habitantes como "preguiçosos" e assim responsáveis pelo atraso. O viajante Oscar Leal, um dos últimos a passar por Goiás, já em 1882, não mais fala de decadência, mas sim de progresso. Quando de sua passagem por Jataí, o que ele anota sobre a cidade do Sudoeste goiano são suas modernidades.

Palavras-chave: História; Cidades; Literatura dos viajantes do século XIX.

* Prof. Dr. do Departamento de História UFG/RJ e do Programa de Pós-Graduação em História da UFG-Campus Goiânia. E-mail: pitymenezes.ufg@gmail.com

URBAN GOYAZ IN THE FIRST HALF OF THE 19TH CENTURY: IMAGES OF TRAVELERS

Abstract: The work shows the emergence of cities in the province of Goyaz and the way they appear in the narratives of travelers of the nineteenth century. The pioneering travelers, notably Europeans, were interested in portraying Brazilian landscapes and cities in the nineteenth century, when they underwent major transformations. Transformations that did not reach all the cities of the former colony and especially not those of the province of Goyaz which almost took the totality of the travelers who visited it to make a description pointing to the material delay to which the whole region was subjected and to indicate its inhabitants as "lazy" and thus responsible for the delay. The traveler Oscar Leal, one of the last to pass through Goiás, as early as 1882, no longer speaks of decadence, but of progress. When of his passage by Jataí what he notes on the city of the goiano southwest are its modernities.

Keywords: History; Cities; Literature of travelers of the nineteenth century.

GOYAZ URBANO EN LA PRIMERA MITAD DEL SIGLO XIX: IMÁGENES DE LOS VIAJEROS

Resumen: El trabajo muestra el surgimiento de las ciudades en la provincia de Goyaz y la forma como aparecen en las narrativas de los viajeros del siglo XIX. Los pioneros viajeros, notablemente europeos, fueron los interesados en retratar los paisajes y ciudades brasileñas en el siglo XIX, período en que ellas pasaban por grandes transformaciones. Transformaciones que no llegaron a todas las ciudades de la ex colonia y, principalmente a las de la provincia de Goyaz, lo que hizo que casi la totalidad de los viajeros que la visitó haga una descripción anotando el atraso material a que estaba sometida toda la región y describir a sus habitantes como "perezosos" y, de tal forma, responsables por el atraso. El viajero Oscar Leal, uno de los últimos a pasar por Goiás en 1882, ya no habla de decadencia, sino de progreso. Cuando de su paso por Jataí, lo que él describe sobre la ciudad del suroeste goiano son sus modernidades.

Palabras clave: Historia; Ciudades; Literatura de los Viajeros del siglo XIX.

A História contada

Desde o fim do século XVI, o Sertão dos Goyazes recebia visitas mais ou menos frequentes dos paulistas e dos jesuítas. Ambos vinham, a princípio, em busca de índios – os jesuítas para catequizar e os paulistas para escravizar. Segundo Palacín (1994), de 1590 a 1674, diversas bandeiras tinham percorrido o território goiano vindas de São Paulo e, a partir de 1653, várias outras partiram de Belém pelo Amazonas e alcançaram o Tocantins e o Araguaia.

Em julho de 1722, partiu de São Paulo a bandeira encabeçada por Bartolomeu Bueno da Silva, João Leite da Silva Ortiz e Domingos Rodrigues do Prado para o sertão de Goyaz[1] com a finalidade de descobrir ouro, prata e outros minerais preciosos. Durante mais de três anos os bandeirantes insistiram em encontrar o lugar onde Bartolomeu Bueno da Silva esteve com seu pai em 1682. Em 21 de outubro de 1725, a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, conhecido como Anhanguera, apesar do grande número de mortes e deserções, retornou triunfante com notícias do descobrimento de ricas minas de ouro.

Menos de dois anos depois, em 1727, já estava fundado o Arraial de Sant'Anna, que mais tarde se chamaria Villa Boa de Goyaz e se tornaria sede do governo da nova capitania. Em pouco tempo, os principais arraiais estariam estabelecidos: Meia Ponte (Pirenópolis) em 1731, Crixás em 1734, Traíras e São José do Tocantins (Niquelândia) em 1735, São Félix em 1736, Córrego do Jaraguá (Jaraguá) em 1737 e Santa Luzia (Luziânia) em 1746. A partir de 8 de novembro de 1744, a Capitania de Goyaz foi desmembrada da de São Paulo e, exatos cinco anos depois, tomou posse o primeiro governador exclusivo de Goyaz, Dom Marcos de Noronha, futuro Conde dos Arcos.

A produção de ouro nas terras da Capitania de Goyaz era correlata à da Capitania das Minas Gerais, mas a distância das minas de ouro de Goiás até o litoral, até a vida fervilhante do comércio das principais cidades da colônia, deixou o desenvolvimento, o progresso, quase como uma lenda contada por viajantes.

O difícil contato com a capital da colônia, Rio de Janeiro, fez com que a vida na Capitania não fosse motivo de observação e de prescrições de normas de conduta que valiam para toda a colônia. As estradas, quase inexistentes, afastavam os curiosos e também retardavam os mensageiros de Vossa Majestade com novos decretos e proibições.

No século XIX, quando as minas de ouro começaram a entrar em exaustão, fazendo da extração aurífera não mais um rentável negócio, a Capitania passou de fato a viver seu mais denso isolamento e até as expedições científicas que rasgavam o coração do país do pau-brasil resistiram em explorar a região.

Desde o século XVI, os viajantes estrangeiros percorriam o território americano da Coroa Portuguesa, mas somente no século XIX estudaram a fauna e a flora de Goyaz, e isso quando a família real portuguesa já havia se transferido de Lisboa para o Rio de Janeiro e Dom João VI decretado a abertura dos portos do Brasil às "nações amigas" em 1808.

Os viajantes descreveram aspectos do Brasil por meio de crônicas, relatos de viagem, correspondência, memórias, diários, álbuns de desenhos. O conjunto de obras deixadas por eles integra a chamada *literatura de viagem* e se constitui numa *literatura de testemunhos*,

cujos registros e observações ajudam a conhecer a realidade do Brasil da época. Existem mais de 260 obras, em várias línguas, nas quais os autores falam dos habitantes, da vida social, dos usos e costumes, da fauna, da flora e de outras características da antiga colônia portuguesa, principalmente durante o século XIX.

Esses sujeitos foram, portanto, os grandes cronistas da vida brasileira dos séculos XVI a XIX, descrevendo, em suas obras, aspectos da terra, da gente, dos usos e costumes do Brasil, e o que deixaram escrito contribui para um conhecimento mais amplo do país e, neste caso particular, dos viajantes do século XIX que visitaram Goyaz, para compreendermos melhor o ritmo de vida da população da então província.

Importa lembrar que, quando da chegada das expedições à Capitania de Goyaz, o seu período de fausto já havia se esgotado junto com suas minas de ouro. Tendo sido descobertas as primeiras minas de ouro em Goyaz em meados da década de vinte do século XVIII, elas alcançam o seu apogeu em 1753 (PALACÍN, 1994) e, apesar de haver certa discordância quanto ao início de sua decadência, o brigadeiro Cunha Mattos (apud PALACÍN, 1994) aponta o ano de 1764. Luís Palacín (1994) prefere a data indicada pelo governador Delgado Freire de Castilho, que é a partir de 1778, e o historiador Paulo Bertran (1978) afirma ter iniciado a decadência das minas em 1780. O certo é que, nas duas últimas décadas do século XVIII, já era bem acentuado o declínio da produção de ouro em Goyaz.

Os viajantes tiveram pouco interesse em conhecer a Província de Goyaz, o que pode ter sido motivado pelas dificuldades de acesso ao interior do país. "Não só a localização geográfica, mas a própria situação socioeconômica da região não era propícia às visitas das expedições" (ANDRADE, 2008, p. 98). Eles

> chegavam à terra imaginando a região de Goiás um esplendor devido à mineração, que atrelara a região à cadeia da produção capitalista, elo presente na corrente do progresso, mas se deparavam com uma província onde a crise imperava em seus múltiplos aspectos. Os olhares dos viajantes europeus conseguiam ver apenas um deserto de homens, sem comércio e sem perspectivas, com estradas fantasmas e ócio ocorrendo nas veias do povo mestiço, longe por demais dos exemplos e do labor anglo-saxões. (CHAUL, 2002, p. 51).

A palavra decadência acompanhava a descrição de muitos arraiais nas escritas dos viajantes do século XIX. A isso se somavam as críticas contra o ócio da população, refletido na preguiça da gente do sertão de Goyaz, e a carência de capital e mão de obra. "Para os viajantes, era incompreensível que terras com tamanho potencial fossem envolvidas pelo marasmo e entregues à ociosidade de seu povo" (SILVA; MENEZES, 2012, p. 70). No entendimento de Johann Emanuel Pohl[2] (1782-1834), a preguiça não era uma característica só dos goianos, mas de todos os brasileiros. Ao descrever Villa Boa, ele afirma que

> os brancos são na maioria de origem portuguesa, em parte fugitivos e aventureiros e, no entanto, formam a primeira classe, o que se deve apenas à cor. Na maior parte são intoleravelmente altivos e soberbos, crentes dessa sua superioridade em relação às outras raças. Poucos melhoraram o caráter, antes exibem a vulgaridade de sua existência anterior. O ócio é a máxima felicidade dessa gente.... Com essa inatividade e preguiça, os brancos decaíram tanto que a maioria deles falta até o necessário para comparecerem à igreja aos domingos. (POHL, 1976, p. 141).

Comumente utilizada pelos viajantes, à palavra "sertão" passou a ser o identificador de regiões que careciam de passar pelo mesmo processo civilizador europeu. Quase todos os viajantes do século XIX que visitaram a região central do Império do Brasil. Saint-Hilaire[3] (1779-1853), Spix[4] (1781-1826), Martius[5] (1794-1868) e os demais viajantes da época aplicaram a palavra "sertão" no sentido de definir áreas de população rarefeita, mas também regiões onde inexistisse a vida civilizada.

Nos relatos de quase todos os viajantes que visitaram Goyaz na primeira metade do século XIX é possível reencontrar, em várias passagens, as mesmas reclamações em que manifestam angústia e perplexidade com a questão econômica da Capitania. Ao entrar em uma cidade depois de longa viagem, o naturalista francês confessa o tédio provocado pelo sertão de Goyaz: "Entediado pela triste monotonia da região, é com prazer que o viajante vê o encantador efeito produzido na paisagem pela série de construções regulares, que contrastam com o aspecto selvagem e desértico das terras circunvizinhas" (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 62).

Em *Viagem à Província de Goiás*, Saint-Hilaire (1975) fez um extenso relatório no qual analisa o comportamento e o "grau de civilidade" existente na província goiana e descreve os costumes em Villa Boa de Goyaz (hoje Cidade de Goiás) no início do século XIX. Nota-se ambiguidade na narrativa do viajante, que se encantava com a beleza local e, ao mesmo tempo, mostrava-se entediado pela situação que visualizava e com os costumes locais tão diferentes dos da Europa.

Lima (2008, s/p) acentua que "o olhar dos viajantes que percorreram o Novo Mundo estava marcado pelo sentido do exótico e do singular" e que "a produção iconográfica entre os séculos XVI e XIX dividiu-se entre o relato fantasioso, o registro científico e a representação do que identificamos como hábitos e costumes, além dos inúmeros registros da paisagem brasileira". Segundo a autora, "esse grande conjunto a que se denomina *iconografia de viagem* viu construir-se ao redor de si, de uma maneira indiscriminada e generalista, o atributo do registro documental" (LIMA, 2008, s/p).

> Reconhecer seu papel documental, capaz de traduzir, aos olhos de quem não esteve diante da realidade "reapresentada", o essencial do que ali se havia instituído em termos naturais e humanos, remete para um aspecto da arte desde os seus primórdios e que diz respeito à sua capacidade mimética. Remete, de resto, à capacidade, atribuída a toda imagem, de ser a "presença de uma ausência. " (BELTING, 2004, p. 13, s/p).

Lima (2008) entende que "é justamente desta capacidade e das possibilidades que dela derivam que a iconografia de viajantes retira seu poder de instituir-se enquanto discurso que autoriza a História". Ela comenta que tais discursos imagéticos "parecem ter sido prioritariamente utilizados para confirmar teses e opiniões, bem como construir conhecimento a partir da similaridade proposta entre realidade observada e representada" (LIMA, 2008).

Em suas andanças pela Província de Goyaz, Saint-Hilaire, Pohl, Gardner[6] (1812-1849) e Castelnau[7] (1810-1880) tinham sempre como perspectiva e espelho o olhar do "civilizador europeu" etnocêntrico. "A cientificidade e racionalidade constroem os olhares desses naturalistas. Interpretam o ambiente a partir de si mesmos, dos seus próprios signos e significados, valores e visões de mundo europeus" (ANDRADE, 2008, p. 103).

Esta visão de mundo europeu dificultava vivenciar a diferença, pois os viajantes consideravam a Europa o centro de tudo. Os "outros" eram apreendidos e sentidos pelos valores e modelos da cultura europeia. O outro é "aquele que não se identifica; é aquele cuja descoberta causa êxtase. É a própria diversidade do real que invoca o problema da alteridade: o fascínio da aventura, da tensão, do sofrimento. Os relatos dos viajantes sobre a Província de Goiás são marcados por ideias etnocêntricas" (ANDRADE, 2010, p. 40).

É interessante notar que na obra *Habitantes de Goyaz* (figura 1), de Johann Moritz Rugendas[8] (1802-1858), por exemplo, os habitantes de Goyaz são representados com características dos vaqueiros dos pampas gaúchos e os animais que aparecem no quadro também são diferentes dos que havia na região em foco. Os artistas viajantes relatavam e pintavam de olhos fechados. Tudo o que sabiam ou viam era comparado com a velha Europa.

Figura 1 – *Habitantes de Goyaz*, de Johann Moritz Rugendas (s. d.)



Fonte: Corrêa (2001, p. 104)

As cidades de Goyaz na visão dos viajantes

Os pioneiros viajantes, normalmente europeus, foram os interessados em retratar as paisagens e cidades brasileiras no século XIX, período em que elas passavam por grandes transformações – as quais não atingiram todas as cidades da ex-colônia. A cidade de Goyaz é um exemplo. Com o esgotamento das minas de ouro, muitos de seus habitantes se deslocaram para outras regiões do país e as mudanças ao longo do século XIX foram extremamente lentas.

Na pintura dos viajantes, a cidade brasileira do século XIX foi a protagonista. Ela aparece com suas ruas e casas denotando variações regionais, o que atraía, ainda mais, o olhar do artista. Thomas Ender[9] (1793-1875), artista austríaco que percorreu as terras brasileiras em 1817, foi um dos que retratou as cidades de Goyaz. Em boa parte de suas obras, as construções aparecem na linha do horizonte, com o céu acima e amplos espaços livres abaixo, o que permite ver em detalhe a arquitetura, oferecendo uma visão de conjunto das construções. A cidade do artista é a cidade colonial edificada no século XVIII e antes das transformações ocorridas nela no século XIX. O artista capta, com seu olhar deslumbrado com a luminosidade do país, também sua vegetação exuberante (figura 2).

Figura 2 – Cidade de Goyaz, registrada pelo artista austríaco Thomas Ender (s. d.)



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural (2017)[10]

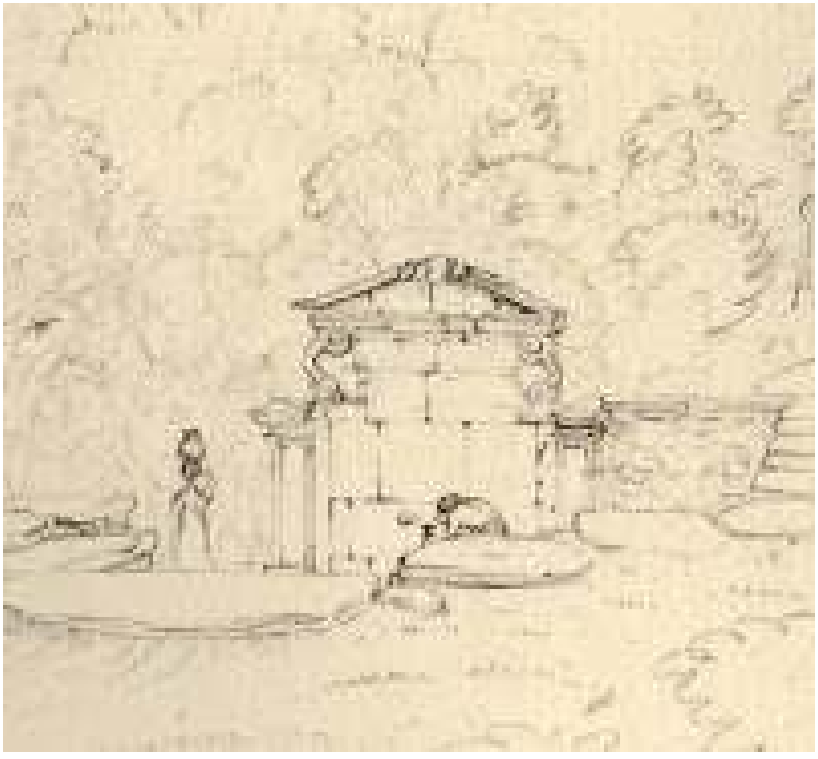
Pohl, que de dezembro de 1818 a junho de 1820 visitou a Província de Goyaz, fez o seguinte comentário sobre Pirenópolis:

> A cidade fica entre serras derivadas dos Montes Pireneus e duas colinas banhadas pelo Rio das Almas, que deságua, bem abaixo, no Rio Maranhão. A sua maior parte ocupa uma colina em cujo sopé fica, numa praça aberta e quadrada, a Igreja Nossa Senhora do Rosário, exteriormente insignificante, porém espaçosa. A parte menor, que fica na colina oriental e termina na Igreja de Nossa Senhora do Bonfim, é atravessada por um riacho. Existem ainda no lugar várias igrejas, todas diminutas e um hospício dos Franciscanos do Santo Sepulcro de Jerusalém, habitado por um frade, que arrecada nesta capitania muitas esmolas piedosas para esta casa de caridade. Há longo tempo, porém, esta residência foi

> trocada pela de Traíras. Todas as ruas são retas e têm até passeios de xisto quartzífero. Das três ruas principais, uma é calçada. As casas são térreas, construídas de madeira e barro, caiadas e cobertas de telhas. Não se encontram aqui vidraças nas janelas, que, mesmo na igreja, são substituídas por pano de linho esticado. A cadeia é o único edifício assobradado. (POHL, 1976, p. 116).

O inglês William John Burchell[11], que visitou o Brasil a partir de 1825 e esteve em Goyaz em 1828, quando se dirigia a Belém, produziu alguns relatos icnográficos sobre as cidades da província goiana com destaque para os trabalhos sobre a cidade de Goyaz. No trabalho de restauração da Fonte da Carioca (figura 3), os desenhos que o artista fizera foram de fundamental importância, pois continham detalhes desconhecidos dos técnicos restauradores do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Figura 3 – Desenho do chafariz, feito por Burchell (1828)



Fonte: Casa Abalcoada (2017)

O inglês foi quem mais desenhos fez da capital da Província de Goyaz. Durante os quase 90 dias que ficou na cidade, fez 22 desenhos, dentre os quais dois panoramas da cidade.

ISSN: 2177-5648 OPSIS (Online), *Catalão-GO*, *v.* 18, *n.* 2, *p.* 254-268, jul./dez. 2018

Figura 4 – Largo da Matriz (atualmente Praça do Coreto) por William Burchell (1827)



Fonte: O Vilaboense (2017)

Saint-Hilaire faz uma descrição da Cidade de Goyaz que o desenho de Burchell mostra. O viajante francês visitou a cidade nove anos antes (1819) que o desenhista britânico (1828). Quase uma década parece não ter mudado muito a cidade, o que dá prova de sua estagnação econômica. Assim a descreve Saint-Hilaire:

> Existem em Vila Boa duas praças bastante amplas, cujo formato é o de um triângulo irregular. Vários prédios públicos, o palácio do governador, a Casa da Contadoria, a Fundição, a igreja paroquial e uma outra igreja menor situam-se em uma dessas praças, que é chamada de terreiro do paço. A outra, que é maior, fica localizada numa das extremidades da cidade. Nela se encontram a Casa da Câmara e o quartel, e no seu centro um chafariz. A arquitetura deste me pareceu bastante medíocre, mas pelo menos não é grotesco. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 51).

O viajante não deixa de tecer juízo de valor sobre o que vê e considera a arquitetura da praça e arredores *medíocre*, *grotesca*. A tomada de juízo de valor é lugar comum nas narrativas dos viajantes europeus que visitaram o Brasil no século XIX. Vindos de uma Europa que experimentava a industrialização e a urbanização, não é de admirar que reclamassem para essa parte do globo os mesmos princípios de desenvolvimento e civilidade que entendiam ser o remédio para todos os males.

Em sua minuciosa descrição da capital da Capitania de Goyaz, Saint-Hilaire informa que ela tem o formato alongado, é cortada ao meio pelo Rio Vermelho e que três pequenas pontes de madeira ligam as duas partes da cidade, que tem cerca de 900 casas, e acrescenta que segundo o General Raimundo José da Cunha Matos a cidade teria em 1823 4.000 habitantes, mas comenta "não posso deixar de considerar esse número muito inferior à realidade. " (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 51).

Pohl, que esteve na cidade quase na mesma época que Saint-Hilaire, estima que a cidade tinha cerca de 700 casas, tendo sido construídas de barro e madeira e de um só andar. Informa ainda que a população no ano de 1804 era de 9.424 pessoas no núcleo urbano principal e arredores. Ao descrever as duas praças da cidade, anota ele sobre a mesma praça do desenho de Burchell e do comentário de Saint-Hilaire: "Mais plana é a praça em frente ao palácio do

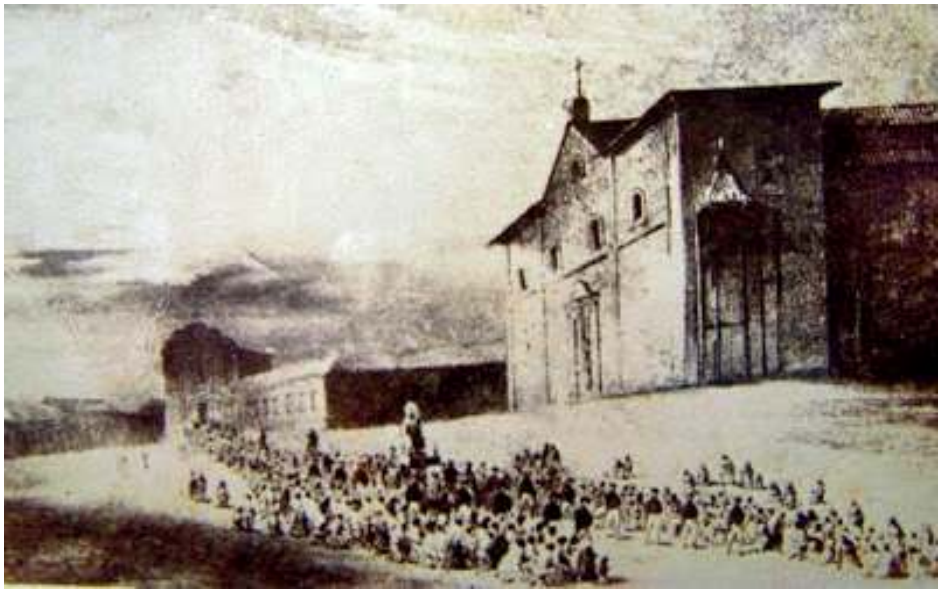
Governador – o Terreiro do Paço. Enfeitam esta praça a igreja Metropolitana, a Fazenda Real, a Intendência do Ouro; as outras casas são insignificantes" (POHL, 1976, p. 140).

Castelnau, que passou pela capital da Província 16 anos após a visita de Burchell e 25 depois de Saint-Hilaire e Pohl, tem outro olhar. É certo que, apesar da estagnação com o fim do ouro por volta de 1778 (PALACÍN, 1994), a cidade recuperou seu ritmo e se manteve crescendo no final da primeira metade do século XIX. Apesar do tempo decorrido, Castelnau afirma que a cidade tem cerca de 500 casas e de 7 a 8 mil habitantes, mas sua descrição da cidade é elogiosa:

> Goiás é uma das pequenas cidades mais bonitas do Brasil; mas é rodeada de quase todos os lados por montanhas cobertas de mata. E' de crer que nunca poderá crescer muito. As casas que geralmente não têm mais de que um andar, são muito bem construídas e extremamente brancas; as ruas, limpas e muito bem alinhadas, têm todavia muito mau calçamento; as praças são espaçosas. (CASTELNAU, 1949, p. 225).

Ainda sobre a mesma praça do desenho de Burchell, Castelnau anota: "No mesmo largo do palácio ergue-se a Matriz, ou Catedral, mais sumptuosa internamente do que por fora, como também a igreja da Boa Morte, cuja elegante fachada não ficaria deslocada em qualquer cidade da Europa" (CASTELNAU, 1949, p. 225). A figura 5 mostra a imagem da procissão no Largo da Matriz, produzida por Castelnau.

Figura 5 – Procissão no Largo da Matriz - Castelnau (1844)



Fonte: O *Vilaboense* (2017)[12]

Há outo desenho de Burchell, feito em 14 de setembro de 1827, que mostra, desta vez, a vista panorâmica da cidade de Meia Ponte, hoje Pirenópolis (figura 6). O desenho foi feito a partir dos fundos do Largo da Matriz, que tem hoje o nome de Praça Emmanuel Jaime Lopes. Aqui também é possível fazer comparação com descrições feitas por Saint-Hilaire (1975) e Pohl (1976).

Figura 6 – Vista da Cidade de Meia Ponte por William Burchell (1827)



Fonte: Wikimedia Commos, 2017

"O encantador Arraial de Meia-Ponte é ao mesmo tempo sede de um julgado e de uma paróquia". (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 36). É assim que Saint-Hilaire (1975) começa sua descrição do lugar que, segundo ele, teria cerca de sete mil habitantes e mais de 300 casas cobertas de telhas e bastante altas para a região. Sobre a praça da igreja paroquial de Nossa Senhora do Rosário, escreve ele:

> Da praça onde fica situada essa igreja descortina-se um panorama que talvez seja o mais bonito que já me foi dado apreciar em minhas viagens pelo interior do Brasil. A praça foi construída sobre um plano inclinado; abaixo dela vêem-se os quintais das casas, com seus cafeeiros, laranjeiras e bananeiras de largas folhas; uma igreja que se ergue um pouco mais longe constrasta, pela brancura de suas paredes com o verde-escuro da vegetação. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 36).

Pohl (1976) faz uma descrição mais genérica e tudo indica que ficou no local tempo inferior ao que ficou Saint-Hilaire e que não se mostrou encantado pelo Arraial. Em pouco mais de uma lauda e meia de papel, Pohl (1976) informa que Meia Ponte tinha, em 1812, 6.209 almas, sendo 3.201 o número de homens e de 3.008 o de mulheres. O que mais lhe chamou a atenção na localidade foi a existência de um quartzito elástico. "Supunha-se, antes, que essa rocha poderia ocorrer, mas a mim estava reservada a felicidade de deslindar o caso". (POHL, 1976, p. 117).

O viajante Oscar Leal[13], um dos últimos a passar por Goyaz, já em 1882, não fala mais de decadência, mas sim de progresso. Quando de sua passagem por Jataí, anotou sobre a cidade do Sudoeste goiano:

> O Jatahy conquanto seja uma povoação tão recente que ainda tem a ventura de abrigar vivos os seus fundadores, é hoje uma Villa notável pelos seus edifícios públicos e particulares, construídos por mãos hábeis, e pelo magnífico local em que se acha situada. É a ultima povoação que existe n'esta banda de Goyaz [...] conquanto menor que o Rio Verde, é superior por vários motivos, pois os homens ricos do Jatahy são mais patriotas e compreendem melhor o alcance das cousas. (LEAL, 1980, p. 193).

A formação da arquitetura residencial no Sudoeste de Goiás seguiu o esquema básico configurado a partir da colonização no Brasil. A particularidade de Jataí se revela na identificação das influências que configuraram tanto sua arquitetura quanto seu espaço urbano.

> Devido às características de ocupação territorial e sua posição geográfica, os vínculos com a capital de Goiás – Vila Boa – sempre foram frouxos. A influência observada é, notadamente, a que veio com os primeiros habitantes, de Minas Gerais e de São Paulo. Assim, em decorrência destas especificidades histórico-sociais, os edifícios foram adaptados às condições locais. (MENEZES; PINTO JÚNIOR; SILVA, 2012, p. 31).

À ocupação inicial nas fazendas se sucedeu a ocupação do espaço urbano, sendo que diversas famílias mantinham duas casas, uma na cidade e outra na fazenda. Essas residências urbanas seguiram, de modo geral, a tipologia das casas térreas bastante comuns em todo o Brasil, muitas vezes aproveitando o desnível do terreno para porões ou depósitos. Sutis alterações decorativas, como cornijas e beirais trabalhados, passaram a ser acrescentadas às fachadas no final do século XIX – acréscimos que não alteraram em nada o sistema construtivo original, baseado na estrutura autônoma de madeira: paredes externas em adobe, internas de madeira e embasamento de pedra nos desníveis. Um quadro de pouca variedade que levou o arquiteto francês Louis Vauthier (1815-1877) a observar que "quem viu uma casa brasileira, viu quase todas" (VAUTHIER, 1975, p. 37).

Conclusão

Na primeira metade do século XIX, as vilas e arraiais de Goyaz ainda estavam sob o impacto do esgotamento da extração de ouro e da falta de uma política central que levasse à ocupação do campo e à produção agropastoril, o que fez com que divisas econômicas e recursos humanos migrassem da província para outras localidades mais prósperas.

Isso somado à falta de recursos financeiros que permitissem outra atividade econômica para a população da província e à sua acentuada distância geográfica do litoral e com a capital do Império fez com que Goyaz ficasse quase que esquecida pelas autoridades, não sendo colocada na rota das principais expedições científicas que visitaram o Brasil no final do século XVIII e início do XIX.

Felizmente, os poucos cientistas que se propuseram a explorar o território do Brasil central e que passaram pelas terras de Goyaz deixaram um grande legado documental em diários, relatórios e publicações, contando os resultados das pesquisas realizadas e mesmo narrando o dia a dia dos acontecimentos que se sucederam em suas andanças pela província.

O *corpus* documental produzido por esses homens, que muitas vezes viram com espanto os costumes, as crenças e tradições das gentes que habitavam o território, é um rico material de pesquisa que ainda está longe de ser esgotado e suscita temas importantes e curiosos para novas teses sobre a passagem dos viajantes por Goyaz.

Há muito ainda o que se escrever sobre a História de Goiás no século XIX, seja revisitando pesquisas já realizadas ou temas não consagrados, seja consultando os documentos legados pelos viajantes ou outros fabricados na feitura dos dias que se sucediam "lentamente".

O certo é que, na contemporaneidade, os cursos de graduação e pós-graduação das instituições federais de ensino superior localizadas no estado têm preferido, até mesmo por

preconceito ao regional, realizar investigações em temas ditos "universais". Gostaria de saber se, por acaso, *O grande massacre dos gatos*, de Robert Danrton, *Origens culturais da Revolução Francesa*, de Roger Chartier, ou *O queijo e os vermes*, de Carlo Ginzburg, são obras que narram acontecimentos de uma dada localidade ou são universais.

Uma falsa polêmica se instalou entre nós, fazendo-nos jogar fora "a água da bacia com a criança dentro", pois documentação não nos falta para revisitarmos ou escrevermos a História de Goiás a partir de inúmeros ângulos e pela totalidade das especificidades das ciências.

Notas

1 Adoto a grafia arcaica "Goyaz" em todo o texto porque era essa a forma de escrita utilizada no período focalizado neste artigo, usando a grafia "Goiás" no caso de citações diretas.

2 Johann Emmanuel Pohl foi um médico e naturalista austríaco que viajou pelo Brasil de 1817 a 1821. Autor de *Reise im Innern von Brasilien* (Viagem no interior do Brasil). Esteve em Goyaz de dezembro de 1818 a junho de 1820.

3 Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire foi um botânico, naturalista e viajante francês que andou pelo Brasil entre 1816 e 1822, tendo escrito importantes livros sobre os costumes e as paisagens brasileiros do século XIX. Esteve em Goiás de maio a setembro de 1819.

4 Johann Baptist von Spix foi um naturalista alemão que, de 1817 até 1820, viajou pelo Brasil com o objetivo de descrever sua fauna e flora. Esteve em Goyaz em setembro de 1818.

5 Carl Friedrich Philipp von Martius foi um médico, botânico, antropólogo e um dos mais importantes pesquisadores alemães que estudaram o Brasil, especialmente a região da Amazônia.

6 George Gardner foi um médico e botânico britânico que esteve no Brasil de 1836 a 1841. Ele colecionou cerca de 60 mil plantas para os museus da Inglaterra. Esteve pesquisando em Goyaz de outubro de 1839 a maio de 1840.

7 François Louis Nompar de Caumont LaPorte, conde de Castelnau, foi um naturalista inglês que esteve no Brasil a serviço da França de 1843 a 1847. Com dois botânicos e um taxidermista, cruzou a América do Sul, do Peru ao Brasil, seguindo o Amazonas e os sistemas do Rio da Prata. Em Goyaz, esteve de fevereiro a dezembro de 1844.

8 Johann Moritz Rugendas foi um pintor alemão que viajou por todo o Brasil durante o período de 1822 a 1825, pintando os povos e costumes que de fato ele pôde encontrar.

9 Thomas Ender foi um pintor austríaco que deve ser incluído entre os chamados *pintores viajantes*, ou seja, aqueles que vieram ao Brasil a partir da época do príncipe regente D. João VI e até os últimos anos do século XIX.

10 O pesquisador Gustavo Neiva Coelho (2013, p. 57), em seu livro *Iconografia Vila-Boense*, cita como sendo esta obra de Debret e aponta a Biblioteca Mario de Andrade como o local onde ela está depositada.

11 William John Burchell foi um botânico e desenhista britânico que veio ao Brasil com o intuito de coletar plantas para um herbário. Chegou em 1825 como membro da missão inglesa de reconhecimento da Independência. Viajou do Rio de Janeiro ao Pará, retornando à Europa em 1830.

12 Esta imagem é atribuída por Gustavo Neiva Coelho (2013, p. 55) como tendo sido produzia por Debret. Um exemplar da obra estaria no Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC), com sede na PUC/GO em Goiânia.

13 Oscar Leal foi um viajante de descendência portuguesa que fez sua primeira viagem às terras goianas em 1882, quando estava com vinte anos.

Referências:

ANDRADE, Karylleila dos Santos. **Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins**. Goiânia: PUC Goiás, 2010.

_____. Saint-Hilaire, Pohl, Gardner e Castelnau: a exoticalização da Província de Goiás e a grafia dos topônimos. **Diacronia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 5, p. 96-105, 2008.

BELTING, Hans. **Pour une anthropologie des images**. Paris: Éditions Gallimard, 2004.

BERTRAN, Paulo. **Formação econômica de Goiás**. Goiânia: Oriente, 1978.

CASA ABALCOADA. **Casa Albocoada**, 01 dez. 2009. Disponível em: <http://casaabalcoada.blogspot.com.br/2009_12_01_archive.html>. Acesso em: 27 fev. 2017.

CASTELNAU, Francis. **Expedição às regiões centrais da América do Sul**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás**: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: EDUFG, 2002.

COELHO, Gustavo Neiva. **Iconografia vila-boense**. Goiânia: Editora da UFG, 2013.

CORRÊA, Margarida da Silva Nunes. Naturalistas e viajantes estrangeiros em Goiás (1800-1850). In: CHAUL, Nasr Nagib Fayad; RIBEIRO, Paulo Rodrigues (prg.). **Goiás**: identidade, paisagem e tradição. Goiânia: Editora da UCG, 2001. p. 75-121.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa11773/thomas-ender>. Acesso em: 27 fev. 2017.

LEAL, Oscar. **Viagens às terras goyanas (Brasil Central)**. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1980.

LIMA, Valéria Alves Esteves. Iconografia de viagem à luz da história da arte. **19e20**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, abr. 2008.

Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/obras/obras_vl_viajantes.htm>. Acesso em: 28 fev. 2017.

MENEZES, Marcos Antonio de; PINTO JÚNIOR, Rafael Alves; SILVA, Adriano Freitas (Org.). **Jatahay**: espaços de morar – 1880-1935. Goiânia: Editora da PUC/GO, 2012.

O VILABOENSE. Disponível em: <http://ovilaboense.blogspot.com.br/2009/04/procissao-no-largo-da-matriz-em-goyaz.html>. Acesso em: 27 fev. 2017.

PALACÍN, Luís. **O século do ouro em Goiás, 1722–1822**: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas. 4 ed. Goiânia: Editora UCG, 1994.

POHL, Johann Emanuel. **Viagem ao interior do Brasil (1819)**. Belo Horizonte: Universidade de São Paulo, Itatiaia, 1976.

SAINT-HILAIRE, Augusto de. **Viagem à província de Goiás**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975.

SILVA Adriano Freitas; MENEZES, Marcos Antonio de. Relatos de viajantes em Goiás: discussões com a historiografia regional. **Emblemas**, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 65-77, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www2.ucg.br/flash/Historiago.html>. Acesso em: 14 ago. 2012.

VAUTHIER, Louis Léger. Casas de residências no Brasil. In: FAU-USP; MEC-IPHAN. **Textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**: Arquitetura Civil. São Paulo: FAU-USP, 1975.

WIKIMEDIA COMMOS. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Meia_Ponte_-_William_John_Burchell.jpg>. Acesso em: 27 fev. 2017.

Recebido em 19 de novembro de 2017
Aceito em 16 de abril de 2018